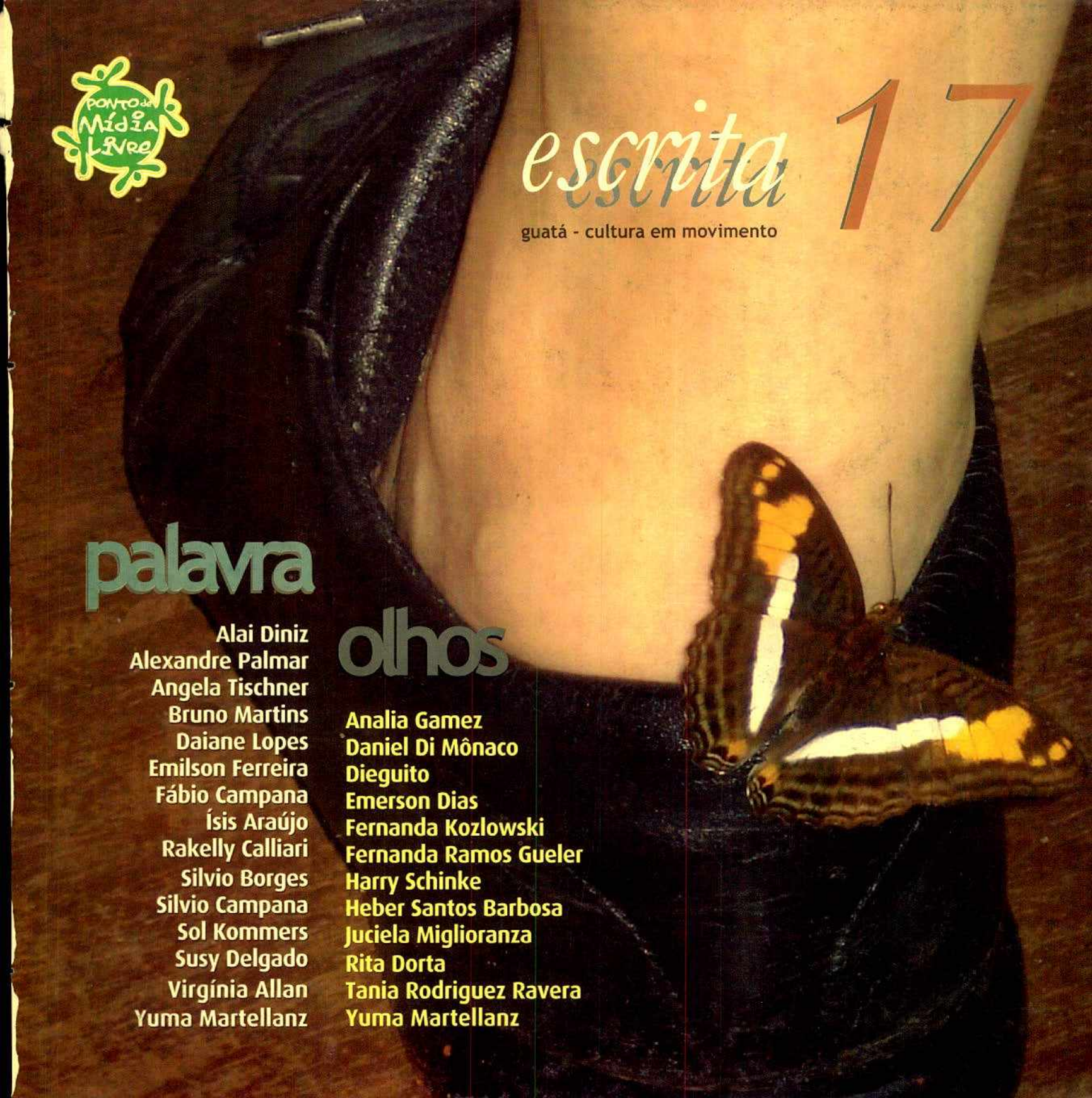


escrita 17

guatá - cultura em movimento

palavra

Alai Diniz
Alexandre Palmar
Angela Tischner
Bruno Martins
Daiane Lopes
Emilson Ferreira
Fábio Campana
Ísis Araújo
Rakelly Calliari
Silvio Borges
Silvio Campana
Sol Kommers
Susy Delgado
Virgínia Allan
Yuma Martellanz

olhos

Analia Gamez
Daniel Di Mônaco
Dieguito
Emerson Dias
Fernanda Kozlowski
Fernanda Ramos Gueler
Harry Schinke
Heber Santos Barbosa
Juciela Miglioranza
Rita Dorta
Tania Rodriguez Ravera
Yuma Martellanz

Futebol na NET é assim:

a torcida entra no jogo!

Instalações disponíveis no Centro, Vila B, AKLP, Polo Centro e partes da Vila Maracanã e Jardim Central.

FONE
www.netfoz.tv.br 2102-0533

NET
SEMPRE UM BOM PROGRAMA

Chopp e cervejas
Bebidas destiladas
Vinhos finos
Drinques
e sucos naturais

Petiscos e pratos regionais

City Bier
PETISCARIA

Sabor e descontração no coração da cidade!

De Segunda a Sábado, serviço a la carte, a partir das 16 horas
Aos sábados, almoço com cardápio especial em buffet livre.

Reservas pelos fones: 45 3025.3977 e 9954.3969
Mal. Deodoro, esq. com Quintino Bocaiúva, CENTRO, Foz do Iguaçu, Pr.

mário benedetti

VARACIONES SOBRE UN TEMA DE HERÁCLITO

No sólo el río es irrepetible

tampoco se repiten
la lluvia el fuego el viento
las dunas el crepúsculo

no sólo el río
sugirió el fulano

por lo tanto
nadie puede
mengana
contemplarse dos veces
en tus ojos

VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE HERÁCLITO

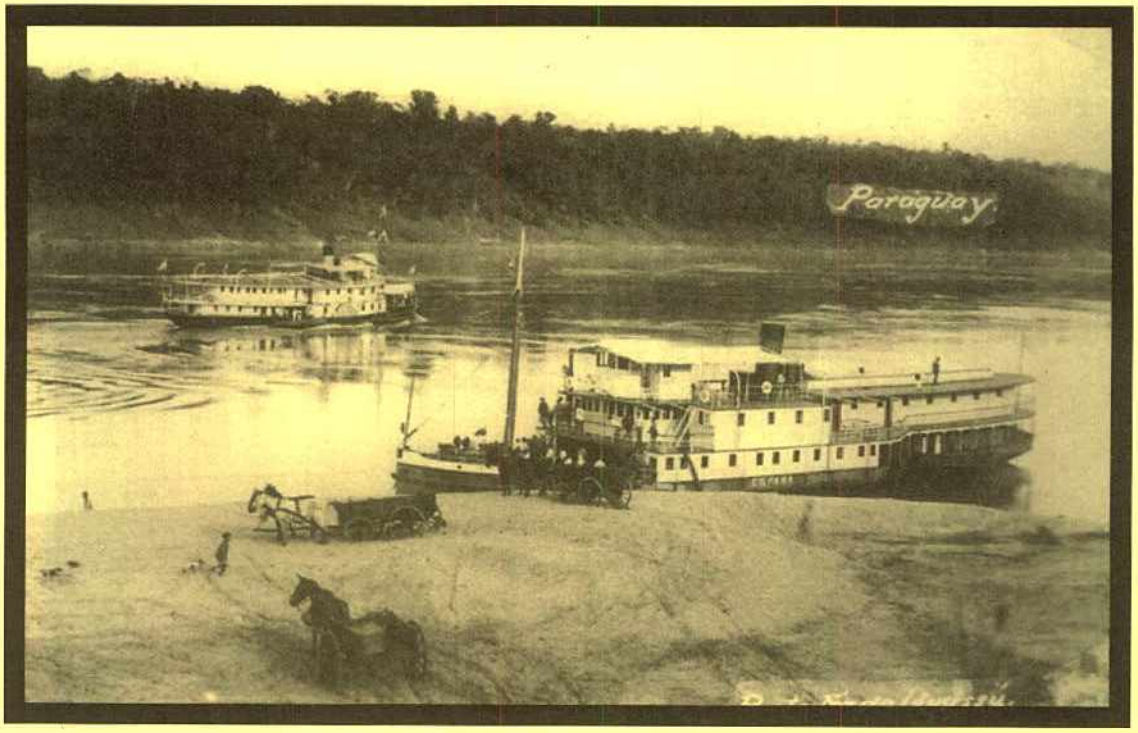
Não é só o rio que não se repete

tampouco se repetem
a chuva o fogo o vento
as dunas o crepúsculo

não é só o rio
sugeriu o fulano

portanto
nada pode
beltrana
ser contemplado duas vezes
em teus olhos

Poema de **Mário Benedetti**, escritor uruguaio. (1920 - 2009).
Fotografia de **Tania Rodriguez Ravera**, estudante de História, Foz do Iguaçu, Pr.



memória

Segunda década do século XX. As águas do Rio Paraná era o caminho entre Foz do Iguaçu e o resto do mundo. Na foto de **Harry Schinke**, um vapor sobe o Rio com destino a Guaíra. Outro, atracado, está prestes a partir para o sul da Argentina. Na praia do então "Porto Oficial", carroças que faziam o translado de passageiros e cargas até o pequeno povoado de então.

03 - **Tirando de Letra** - Mario Benedetti e Tania Ravera
04 - **OLHOS** - Harry Schinke
06 - **OLHOS** - Fernanda Kozlowski
07 - Alice, de Bruno Martins
08 - **Poesia Sempre** - Susy Delgado
10 - **OLHOS** - Juciela Miglioranza
11 - **Poesia Sempre** - Rakelly Calliari
12 - Mês de cachorro louco, de Fábio Campana
13 - **OLHOS** - Dieguito
14 - **OLHOS** - Daniel Di Monaco
15 - **Poesia Sempre** - Alai Diniz
16 - **OLHOS** - Heber Barbosa
18 - De la casualidad a la causalidad..., de Daiana Torres
19 - **OLHOS** - Emerson Dias
20 - Copas de Leche, de Yuma Martellanz
23 - **OLHOS** - Yuma Martellanz
24 - Nosso Tempo, de Alexandre Palmar
26 - **OLHOS** - Analia Gamez
28 - **Olhos & Palavras** - Rita Dorta, Angela Tischner, Emilson Ferreira, Isis Araujo, Mayumi Takahashi, Sol Kommers e Virginia Allan
30 - **Um Toque** - Silvio Borges

Escrita é uma publicação
da **Associação Guatá - Cultura em Movimento,**
entidade de finalidade artístico cultural,
sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana
Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.
Revisão: Carmen dos Santos - **Foto da capa:** Fernanda Guelere
Projeto Gráfico: Silvio Campana
Colaboram nesta edição: Alai Diniz, Alexandre Palmar, Analia Gamez, Angela Tischner, Bruno Martins, Daiane Lopes, Dieguito, Emersons Dias, Emilson Ferreira, Fábio Campana, Fernanda Kozlowski, Fernanda Ramos Guelere, Heber Santos Barbosa, Isis Araújo, Juciela Miglioranza, Rakelly Calliari, Rita Dorta, Sayonara Mello, Silvio Borges, Sol Kommers, Susy Delgado, Tania Rodriguez Ravera e Yuma Martellanz

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal. **Tiragem:** 2 mil exemplares

escrita 17

A fotografia de nossa capa 17 é da londrinense Fernanda Guelere. O flagrante foi tomado na área rural de Londrina, no norte do Paraná, onde a autora participa de um projeto de artes com crianças e adolescentes.

Visite-nos:
www.guata.com.br

twitter:
guata_cultura

facebook:
guata cultura em movimento

Contate-nos:
guata@guata.com.br

Este número 17 da revista Escrita é um marco importante na breve história de nossa publicação. Afinal, é o primeiro que leva o selo do 'Mídia Livre", prêmio concedido pelo Ministério da Cultura aos veículos alternativos do programa **Tirando de Letra** de incentivo à expressão e à leitura que a **Guatá** desenvolve na região de Foz do Iguaçu. Ao atingirmos tal reconhecimento, fica válido dizer que durante nossa experiência andamos alguns passos para a frente e plantamos pequenas sementes que começam a germinar.

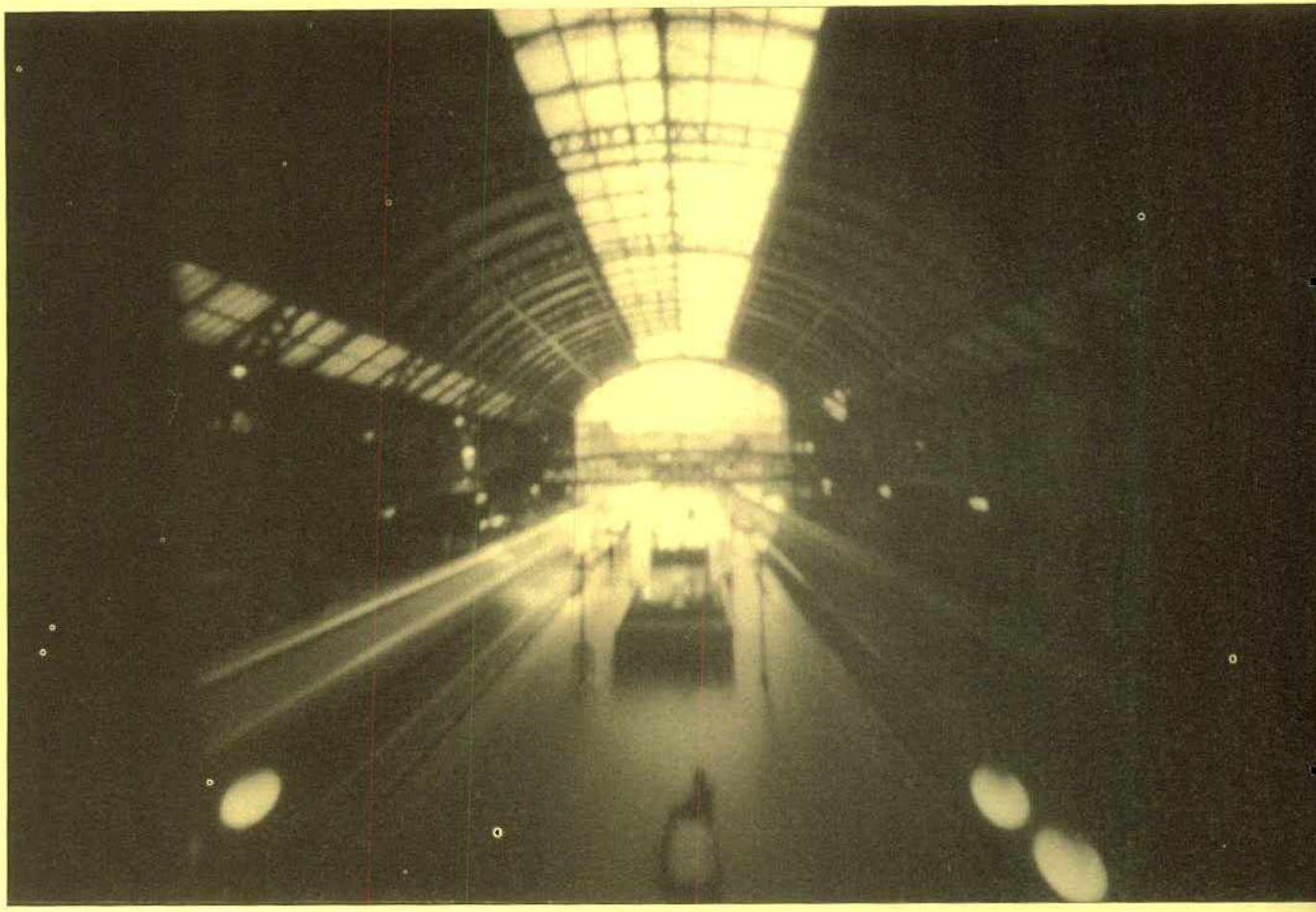
Até aqui, centenas de colaboradores já passaram pelas páginas desta Escrita e pelos espaços do nosso portal na Internet, sempre compartilhando sonhos e reflexões sobre um mundo dinâmico, em movimento. Respondendo a isso, nossas edições em papel se incorporaram ao cotidiano de milhares de pessoas que as visitam em livrarias, bibliotecas de escolas públicas e, em especial, nas bancas de leituras da Guatá, que são montadas especialmente para incentivar o hábito da leitura e da expressão na vivência de nossa gente. Por isso, continuaremos caminhando.

Silvio Campana

Guatá
cultura em movimento

Ministério da **Cultura** GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

CULTURA VIVA PONTO DE CULTURA PULSANDO O BRASIL



estação da luz

Fotografia de **Fernanda Kozlowski**, artista visual em São Paulo, utilizando uma câmera pinhole. (Original em cores).

um conto de bruno martins

alice

Alice disse que me daria um beijo. E acreditei cegamente. Fui logo comprar chocolate e escrever no diário. Ela tem um olhar de sono, um nariz pontudo, uma pele lisa de pétalas. Sabe beber café com idéias. E ouve muito bem. Acertou bem na brincadeira de me encantar. Quando a vi, na primeira vez negou um abraço e fez ficar satisfeito apenas com um olhar. Olhar de lado e fingido, sem mostrar os dentes, só o cabelo encaracolado que vi quando deu as costas. Fiquei pensando sua insensibilidade.

Conservou sua disciplina até me pedir um favor. Certo, que desde o inicio não havia esperanças, muito ser seu amigo. Mas como nas noites quentes não pensar em Alice. E pensar nas juras que poderia me fazer. É divertido sonhar com o acertar do amor do outro, se ele pode sentir o mesmo. Mas nesse caso fui tudo mentira. Mentira minha principalmente. E ainda assim não deixava de me dar motivos positivos para os sentimentos de Alice. Como a crônica de um bom vinho que no dia seguinte faz acordar tremulo.

O fracasso de esperar por alguém que não nos deixa felizes. E além de tudo ter de lidar com a própria frustração que é imensamente pior que a dos outros. Alice disse que me daria um beijo em seus olhos, em nosso encontramento, obra de minha persistência. Que aliás tanto a irritou. E me deixava num desespero triste de uma intenção a não ser realizada.

Um final triste para algo que não teve início. E como seriamos felizes se Alice se permitisse me amar ou o que seja. Porém aquilo que resta, a infeliz realidade de inicio de vida guarda sentimentos maiores que ainda não posso imaginar. A todos nós: paz. A paz que Alice não me deu, mas tirou. ☼

Bruno Martins é estudante de Relações Internacionais e Integração em Foz do Iguaçu, Pr.

Um livro aberto
é um cérebro que fala;
fechado, um amigo que espera;
esquecido, uma alma que perdoa;
destruído, um coração que chora.
(Voltaire)

Kunda
Livraria Universitária

- 50.000 títulos disponíveis
- Livros raros e importados
- Livros didáticos e universitários
- Aceitamos encomendas
- Condições para estudantes e universitários na entrada escolar
- Condições para professores

Kunda
Livraria Universitária

Centro
Rua Almirante Barroso, 1473
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR
Fone/Fax (45) 3523-4606
livros@livrariakunda.com.br

Mboriahu retä

Ka'aru pytü,
ha che rovetäme
hendypu joa
tataindy mboriahúicha
tapÿi chavimi
mboriahu retä.

Patria de los pobres

Anochece
y en mi ventana
se encienden
como candelitas pobres
los ranchos
la patria de los pobres.

Araka'épa

¿Ha araka'épa ko'ëne
jevy ko'ë
ñande róga,
ñande réra,
ñane ñe'ë,
ñande py'a oïháme,
pe yvy marae'ÿme?

Y cuándo

¿Y cuando habrá de amanecer
el día del regreso
a donde están
nuestra casa,
nuestro nombre,
nuestra lengua,
nuestra alma,
esa tierra sin males?

SUGY DELGADO

páginas bilíngue guarani/espanhol

Grito del fuego

Chispa del puro azar	Tata opiriri reíva
o del demonio	terã Aña rembijokuái
llamita	tatarendymi
flama	tata yvytu
llamarada	tata rusu
arde	hendy
chisporrotea	opororo
crepita	okapupa
grita	osapukái
increpa	oporoja'o
escupe fuego vivo	ondyvu tatapÿi
quema los campos viejos	ohapy che retã ñu tuja
los campos olvidados	che retã ñu
de mi tierra.	tesaráipe opytáva.

Crece	Okakuaa
se encrespa	ipochy
se embravece	oñemombarete
lengua de muerte	ñemano heréi
devorando implacable	omokokõva
los últimos montes	ipaha ñu oĩva
de mi tierra.	che retãme.
Fragor de ira	Pochy vai rata
tragándose	omokõva
los ranchos	tapÿinguéra
las hamacas	ky'akuéra

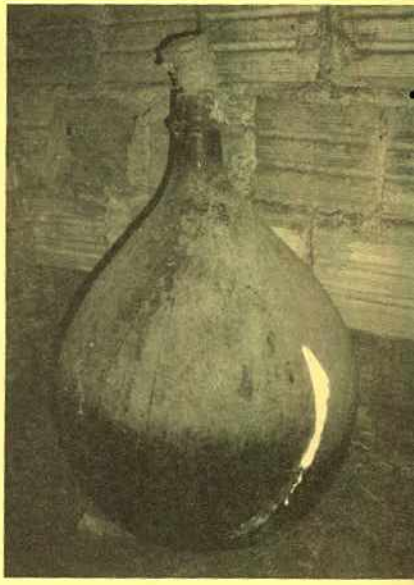
Tata sapukái

las gallinas	ryguasykuéra
la yerba	ka'a
las flores	yvoty
la miel	eíra
los pájaros	guyra
las víboras	mbói
los peces	pira
los jaguares.	jaguarete.

Atragantándose	Ijahy'o pa'ã
de tanta vida inútil	jeiko reietágui
y vomitándola	ha ogue'ẽháp e
materia triste	mba'e vaimi
achicharrada	cha'imba
gris	hũngy
olvido puro	tesarái potĩ
para el viento.	yvytúpe.

Bronca	Pochy
exabrupto	ñe'ẽ reity
eructo	urẽ
grito	sapukái
hiriendo	oikytĩva
arrasando	ajaho'ipáva
calcinando	ohapÿva
el antiguo silencio	che retã kiriri yma
de mi tierra.	

Susy Delgado é escritora e jornalista em Assunção, PY



adega

Fotografias de Juciela Miglioranza,
professora do ensino médio em Foz do Iguaçu, Pr.

olho

Rakelly Calliari

epidemia de poesia

Do nada de repente

De repente do nada veio
De repente, do nada

A chama, a espuma
A ideia e a morte
A sanha, a chuva
A merda e a sorte

A lama, a escuna
Concreta, a coca, a baba
A lava, a noite escura
E, discreta, a tua falta

De repente do nada veio

E ninguém quis ver o antes
E de onde, ninguém quis ver
(mas veio)

Ter ou deixar

O último pedaço
Pode-se guardar ou consumir
Ter ou deixar ir
Repousar num regaço

(felizmente o paranista
pára n´água)

Rir ou chover pode-se
Derradeiramadamente quando
Num espasmo escolhe o canto
Fim dar

No entanto qui-lo
E sem premeditar
Em seu último instante
Inerte qual infante
Ir nem vir,
Ficar.

☼ **Rakelly Calliari** é jornalista e compositora de sambas em Londrina, Pr.

Gebing
Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.

Pacotes especiais para:
• Escolas
• Igrejas
• Empresas
• Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520
(45) 9926 1231
Foz do Iguaçu - Pr.

uma crônica de fábio campana

Mês de cachorro louco

Nasci em agosto, mês de cachorro louco. Gosto de acreditar que uma coisa tem a ver com a outra, o que apenas revela um traço de soberba. Presunção diante da grandiosidade dos eventos. Agosto, mês de vacinação contra a raiva dos cães, não teve vacina para a loucura dos homens públicos e para desastres históricos cujas consequências se arrastam por séculos.

Getúlio Vargas suicidou-se em agosto. Ditador que foi tarde deixou carta testamento de autoria discutível, enorme crise política e uma herança estatólatra que carregamos até hoje.

Agosto é marco de outra tragédia política nacional, a renúncia de Jânio Quadros, que tinha parecença com os cães e com a loucura dos cães. Abriu caminho para a longa noite do regime fardado. Duas décadas infames de ditadura.

Não basta? Adolf Hitler assumiu o poder na Alemanha em agosto de 1932. Início de um pesadelo que desaguou na 2ª Guerra Mundial e nos legou a evidência de que a espécie pode chegar a loucuras coletivas e misérias vergonhosas do racismo, dos campos de extermínio, milhões de mortos, a Europa destruída. Insanidade que só terminou em 1945 com outra manifestação de loucura, a explosão de bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki.

Ora, pois, eis o suficiente para que o mundo ocidental, cristão e democrático tema o mês de agosto para sempre.

Mas a superstição também se apoiou em evidências e circunstâncias mais simples. Agosto, mês do frio e das ventanias, provocava sustos na escuridão das noites antigas ao balançar redes, bater janelas e portas e fazer ruídos que a imaginação medrosa transformou em fantasmagorias de almas penadas.

Na Idade Moderna fez outros estragos. Meu tio Ramon, que foi mecânico de aviões, me disse alguma vez que agosto era péssimo para a aviação. Mês de contrastes climáticos, de frentes frias de encontro a camadas quentes de ar. Os aviões de motores a explosão subiam no máximo à altura das turbulências. Resultado: muitos despencavam. A bruxa está à solta, anunciavam as manchetes de jornais com a lista das vítimas na primeira página.

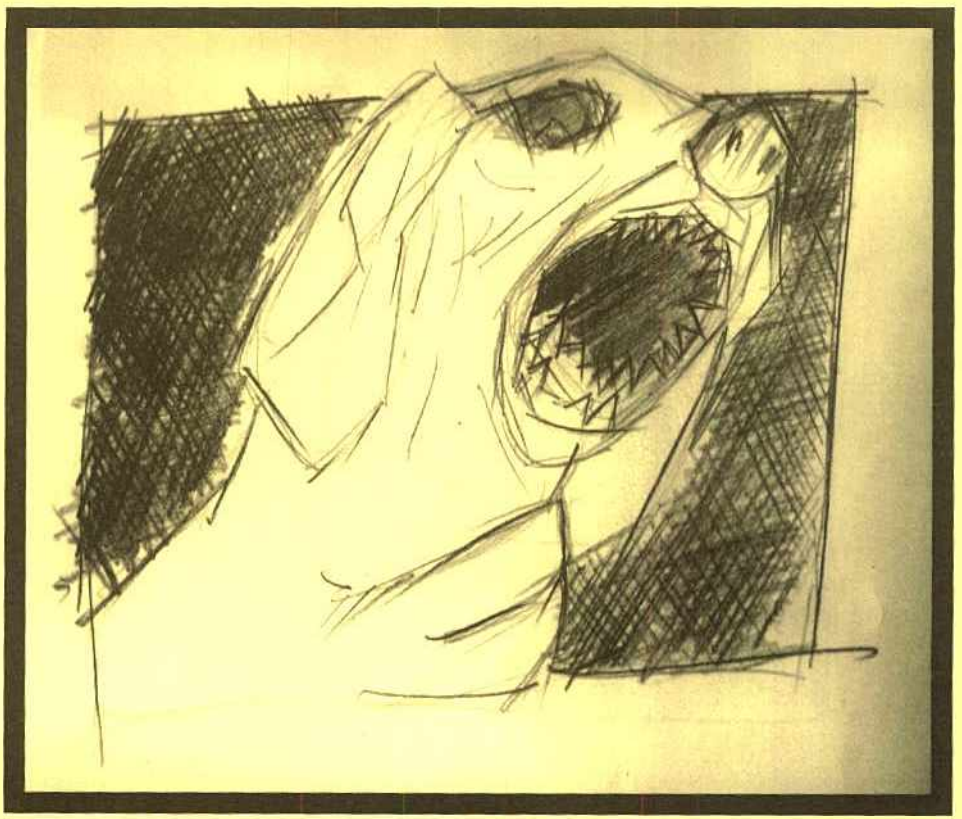
A implicância com o mês de agosto é bem mais antiga que os aviões. Em Portugal, vem da época das caravelas. Era o mês propício para o início das navegações que duravam meses ou anos. Mulheres portuguesas não casavam em agosto porque corriam o risco de perder o marido em aventura marítima. Essa crença chegou ao Brasil com Pedro Álvares Cabral e o vinho da Cartuxa, acompanhada do ditado "casar em agosto traz desgosto" até hoje respeitado na colônia lusitana.

Na França, que tanto nos influenciou quando éramos civilizados, o mês é maldito desde 24 de agosto de 1572, quando Catarina de Médici ordenou o massacre de São Bartolomeu, que dizimou dezenas de milhares de súditos incréus. Na Polônia, em 14 de agosto de 1831, os poloneses foram derrotados pelos russos na Revolta de Varsóvia, que também matou muita gente. Os polacos trouxeram para cá a sua contribuição para reforçar a ideia da maldição de agosto.

Tudo bem, como costumam repetir as almas parvas. Há evidências de que nem tudo em agosto é ruim e que nem todos os nascidos em agosto têm algum desconto na saúde mental. Meu amigo Dico Kremer, tão equilibrado, é prova disso. O Ernani Buchmann nunca deu demonstrações públicas de desvario. E eu conheço loucos de todos os meses e extrações. Dos simpáticos e geniais aos perigosos evitáveis e chatos.

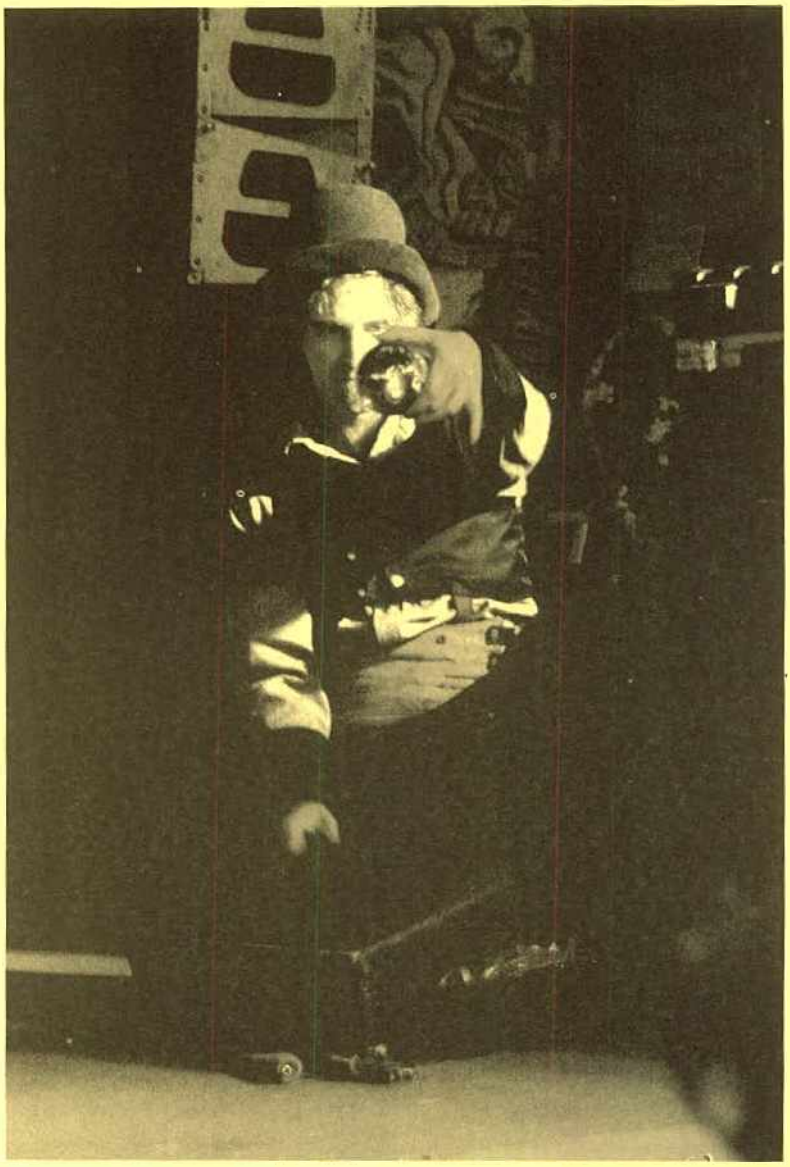
É provável que se fizermos um balanço dos acontecimentos tenebrosos de outros meses, encontraremos provas de que a loucura humana não se manifesta apenas em agosto. Nem a dos cães. Mas de qualquer forma, não custa tomar algum cuidado. Sabedoria e evidências tão antigas devem ter alguma verdade que alguns de nós, nascidos em agosto e parceiros dos cães, em noites de lua cheia tentamos decifrar.

Fábio Campana é escritor e jornalista em Curitiba, Pr.



perrito

Desenho de **Dieguito**, vendedor ambulante em Puerto Franco, PY.



alegro andante

Retrato produzido por **Daniel Di Monaco**, fotógrafo em Puerto Iguazu, Argentina.

epidemia de poesia

Alai Diniz

Atocha 2004

Triste Madrid
El tren en Atocha
Libra Chamartín
El grito de la gente
Vibra en mi.
No lejos del lugar
donde viví. (2 veces)
España en el corazón
Una sudaca te llora
Triste Madrid

Triste Madrid
El oso cae en El Pozo
De dolor
Los cuerpos encendidos sin compás
Del drama de la bomba ahora en tí (2 veces)
Se desplaza la guerra, todo es caos.
Aparta de tí este caliz
Triste Madrid.

Comunhão pagã

Sorvo teu corpo
no vinho do meu
Teus poros me abrem
Embriago-me ateu.

Absorvo as rédeas do
tempo
Envelhecida
em salivas de língua
Em suores de carne,
em febres e ais.

Renasço
Sorvendo teu sopro
No rito do meu.

S
o
ç
o
b
r
o

Só sobra
Soçobra
Quem não sobra
Só

Alai Diniz é professora universitária em Foz do Iguaçu, Pr.

III Circuito Iguazu de Música Popular Latinoamericana

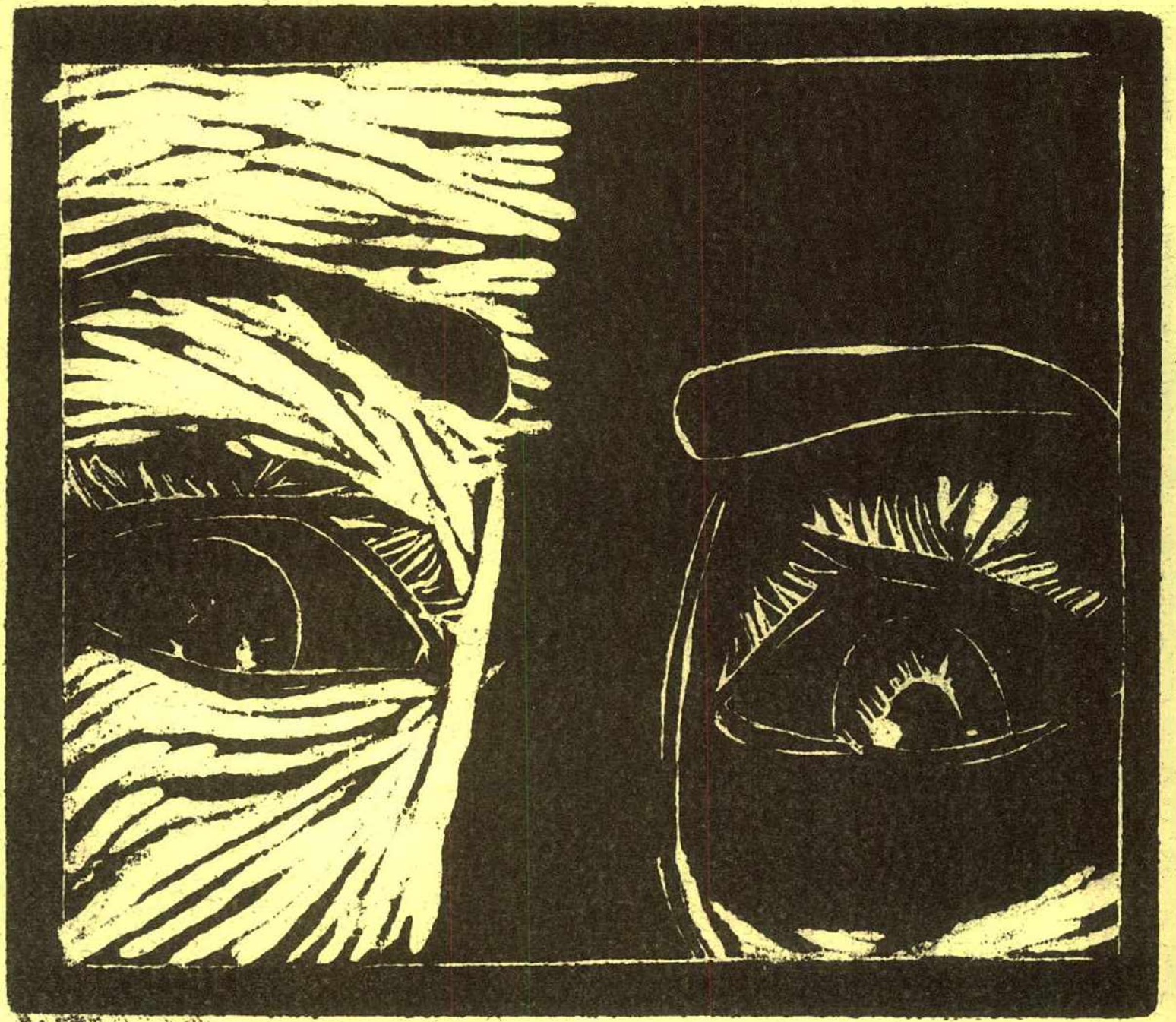
Convidado especial:
Diego Guerro

11 de setembro (domingo)
Seba Pereyra (guitarra acústica)
Marcos Damasceno (violão)
Diego Guerro (acordeon)
e Amaury Coppeti (percussão)

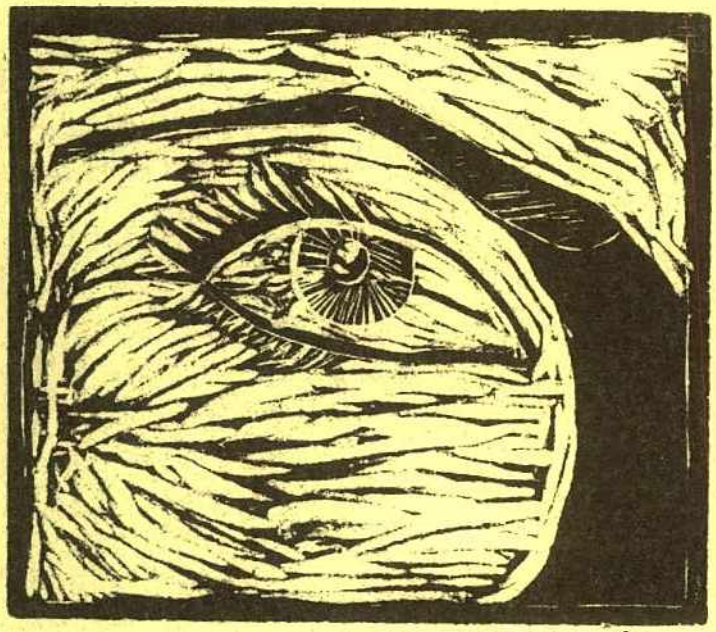
HOTEL SAINT GEORGE
Porto Iguazu, Argentina, 21h

13 de setembro (terça-feira)
Sergio Coppeti (contrabaixo)
Renato Fumê (guitarra acústica)
Diego Guerro (acordeon)
Marcos Damasceno (violão)
e Amaury Coppeti (bateria)

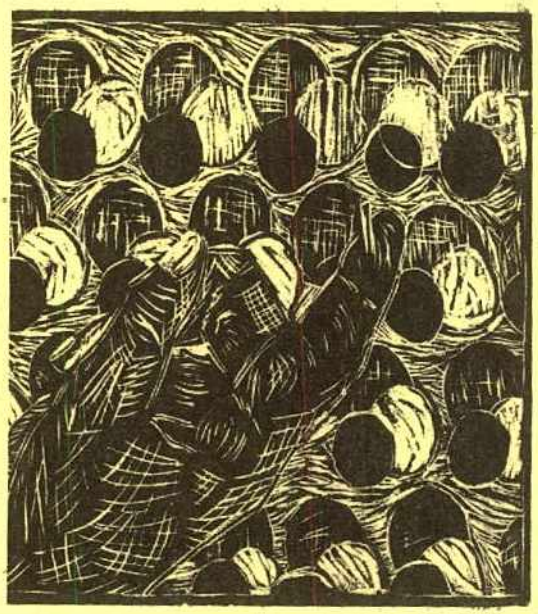
ZEPPELIN OLD BAR
Foz do Iguaçu, Brasil, 22h



medo

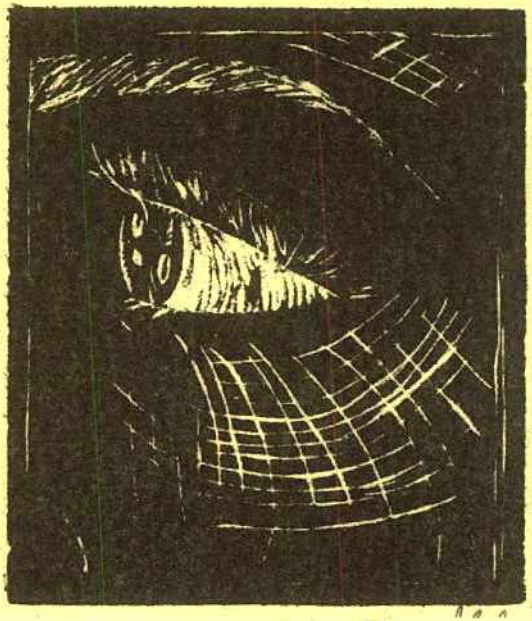


ódio



dor

tristeza



Xilogravuras de **Heber Barbosa**, estudante do ensino médio em Londrina, Pr.

olhos

soyo

ADVOCACIA
Criminal - Cível - Trabalhista
Fone: (45) 3027.1779
Av. Brasil, 531, Sala 54,
Gal. Center Abbas, Foz do Iguaçu, Pr.

VIVEIRO
Falls Park
Mudas frutíferas
e ornamentais
Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802
Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.

Sigilu's
contabilidade e assessoria ltda.
Fone: (45) 3523.5886
e-mail: sigilus@foznet.com.br
Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

Mariza Rios
Instituto de Beleza
Tratamento facial
e corporal
Marque sua hora:
Fone:(45) 3572.6910
Cel: (45) 9967.0295
e 8422.5300

De la casualidad a la causalidad...

sobre las posibilidades de crecer encontrándose

En un viaje, que hasta horas próximas a finalizarse tenía por objetivo disfrutar de unas "férias" (vacaciones) conociendo territorios extranjeros; devino en el azar del tiempo (en la búsqueda entre otras cosas de algún estimulador refrigerante) un encuentro entre uruguayos y brasileros, subjetividades transversalizadas por algún lugar simbólico común (quizá): aquel en el cual la opinión, los criterios formados y las "impresiones" comenzaban a generar un entramado que desde la causalidad (producto de aquello que nos llevó a elegir compartir entre muchas cosas aquel refrigerante) rompía fronteras, acontecían límites difusos, desterritorializaba instituidos y componía desde la tertulia actos políticos de opiniones libres que nos iban afectando desde la inmanencia.

De la historia de la verdad de la guerra de la "triple alianza" a las trivialidades o imaginarios que sostienen las adherencias a Peñarol y Corinthians.

Del mundial del 50`a los efectos discriminatorios como producción social histórica que se instituyeron en los arcos brasileros.

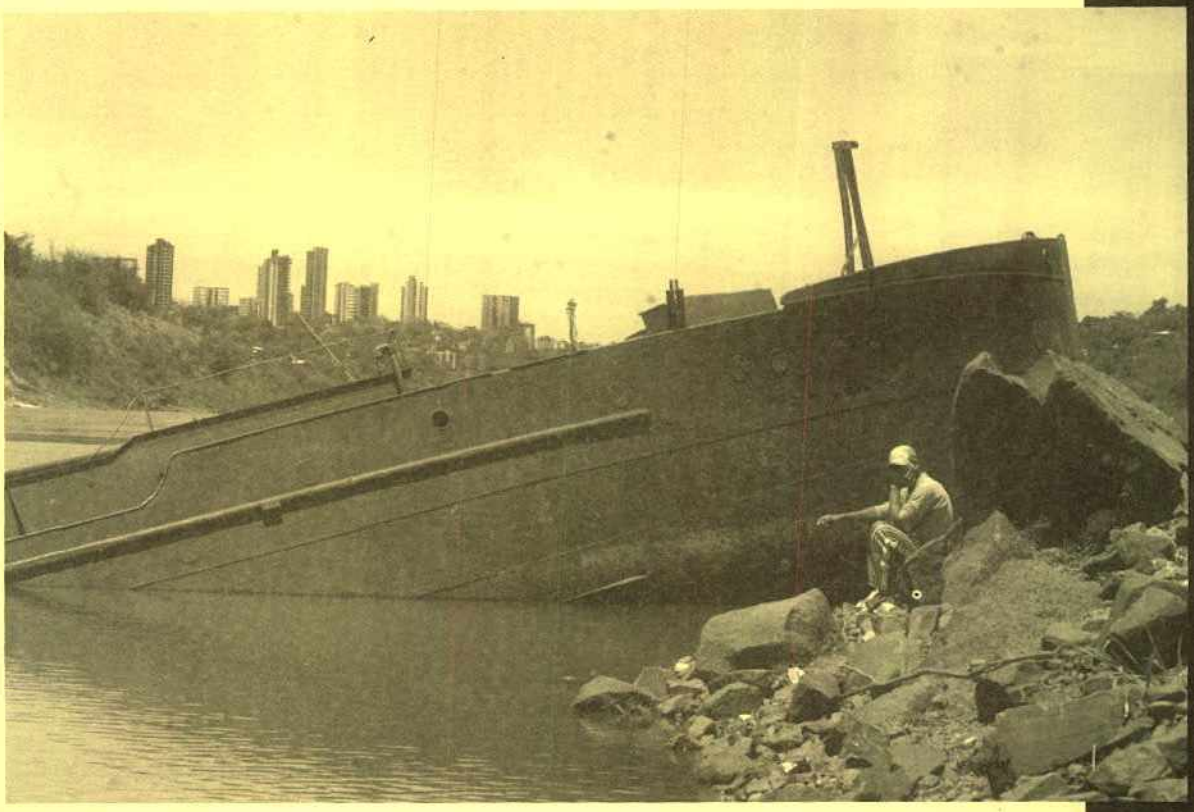
De los veintiún años de aniquilación de derechos humanos en Brasil a líneas de fuga existenciales donde las pasiones sostenían por momentos la vida de los más oprimidos.

Impresiones, posicionamientos ético-políticos de miradas que en aquel encuentro producían subjetivación, producción de producción.

Si bien estas líneas intentan narrar desde la limitación del uso de la palabra los alcances que puede (y pudo) generar un encuentro, no es mi intención ser meramente informativa sino que intento invitar a todos aquellos andariegos, caminantes, y otros/as, a romper con el emparcelamiento del trayecto turístico, del hotel, del safari. Ser rebeldes ante el miedo a la intersubjetividad inminente, miedo producido como efecto paralizante y paranoide por un sistema que instituye verdades sobre la inseguridad. Abrirse a las posibilidades de crecer encontrándose, devenir otros en el encuentro con otros.

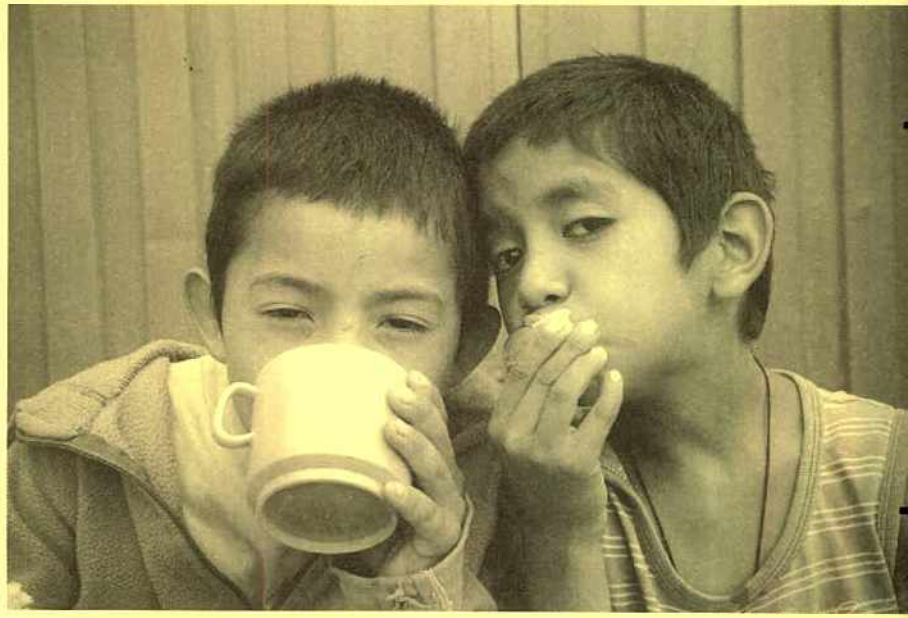
Daiana Torres é estudante de Psicologia em Montevidéu, Uruguai.
Viveu a experiência que comenta no texto durante uma visita que fez a Foz do Iguaçu, Pr.

olhos soujo



repouso

Fotografia de **Emerson Dias**, jornalista em Londrina, Pr.



"Copas de leche"

A história de Milagros Sala e a Tupac Amaru

Uma leve chuva acaricia Jujuy, coração do Norte argentino, desmanchando-se no fervor de risos. É o jorro de um rio que nasce e escorre do lugar na espera do próprio salário. Reencontro, depois de três anos, Milagros Sala, a líder daquele movimento. Os cabelos longos emolduram um rosto agora mais descontraído em "Mili', que experimenta um chá mate junto com uma comissão de médicos, dentistas e professores.

Aliás, saúde e educação são grátis e obrigatórias para cada "companheiro" da organizaçao social Tupac Amaru, onde o indivíduo participa com uma taxa de 4 pesos por mês.

Antes de receber o próprio salário se é avaliado pelo dentista. Para Mili, é muito importante o sorriso dos companheiros. "Amor! Se falta todo o time na boca e ainda três exames para acabar a escola secundária, como vai fazer para conquistar uma mulher?", ela ri, referindo-se a um velho *Kolla*.

A *Flaca* (como também é conhecida) é mãe e a sua total atenção abraça cada singular problema individual ou coletivo. Há resposta pronta para cada um e a solução é imediata. "Esse encontro aqui, é uma jornada importante porque você aproveita o momento de olhar para o outro, discutir e encontrar soluções de trabalho, familiares, de saude e comportamentais.

Milagros Sala é de nascimento Kolla (população originária do norte da Argentina), de Sao Salvador de Jujuy. Fechada nesta pequena mulher tem uma energia impetuosa, contagiosa e antiga, o tipo de energia que move as massas. Fundadora do maior movimento popular argentino com mais de setenta mil "compañeros" e mais de quatro mil, quinhentos e sessenta habitações construídas atè a primeira metade de 2011 (quase mil ao ano, só em Jujuy). Iniciou a sua luta na década neoliberal dos anos noventa, quando, com o ex-presidente Menem e a privatizaçao de quase todas as empresas estatais, de saúde e de educação, muitos argentinos se acharam desempregados, os hospitais sem remédios e crianças morreram desnutridas.

TRAJETÓRIA - A organizaçao social Tupac Amaru - que leva o nome do primeiro revolucionario *creole*, descendente direto de imperador Inca e que em 1871 lutou contra os colonizadores para a liberaçao dos povos de origem - amealhou este universo de filhos que restou nas ruas, refugiados nas "vilas miseráveis" dando-lhes a possibilidade de viver

Milagro em primeiro plano, falando a um grupo de *"tupaqueros"*.

As casas construídas no "Alto Comedero", primeira ação da Tupac Amaru.

uma vida digna, enquanto "a pobreza é uma circunstância que pode-se mudar unicamente se o pobre nao se identifica com ela". Para Mili, é necessário saber mudar o ponto de vista das coisas e recuperar a autoestima.

A luta contra a discriminação, neste caso, nao é argumento eleitoral mas experiência de vida vivida. Abandonada ao nascimento, cresceu embaixo das asas de uma família rica que lhe deu a possibilidade de estudar e se diplomar em danças folclóricas. Com 14 anos entendeu que as más línguas dos companheiros "diziam a verdade": era a única *negra* em uma família de brancos. A mãe adotiva não lhe disse nunca a verdade. Não podendo perdoá-la, fugiu de casa procurando as próprias raízes.

Viveu saboreando o amargo do asfalto, trabalhou como engraxate na estação, oscilou entre mil expedientes. Depois começou a vender cocaína e roubar com um grupo de garotos do quarteirão. O ganho era dividido para comprar remédios para os pobres, em Azopardo. Capturada pela polícia, passou oito meses na cadeia onde se aproximou da experiência de auto-gestão. Com as outras mulheres organizou uma cozinha comunitária para uma refeição digna.

Quando saiu da prisão iniciou sua militância. Primeiro na ATE (Associação dos Trabalhadores do Estado) e depois na CTA (Central de Trabalhadores Argentina). Foi - preferida pelos movimentos sociais pelo conhecimento interno das favelas, inacessíveis aos externos. Foi assim que iniciou com as primeiras xícaras de leite, pois a ação mais urgente era alimentar as crianças.

ALIMENTO DA AÇÃO - A xícara de leite é ainda a base do funcionamento de toda engrenagem. Trata-se do desempenho e da colaboração de um voluntariado que se reúna para dar leite doce, chá mate e "empanadas" às crianças dos quarteirões degradados. E se as primeiras cinco crianças àquela manhã olhavam desconfiados àquele banquete colorido, hoje são milhares que se alegram a cada semana.

"Nestes momentos é que se consegue falar com as crianças", me diz Nelida Rojas, braço direito de Mili. "São eles que te fazem conhecer os problemas familiares, assim voce sabe onde intervir e criar programas sociais. Dois anos atrás iniciamos com 160 que compartilhavam a nossa desolação e agora somos 5 mil que lutam; só na província de Mendonza temos construção em sete departamentos! Formando esta grande família pode-se manifestar e pedir terrenos, se não existe a solidariedade não funciona, sozinho não se pode fazer nada!"

Nelida tirou o avental de enfermeira depois de uma operação na coluna vertebral e para não sentir o frio do desemprego, escolheu o chapéu do revolucionário. Seu marido Ramon a seguiu e abandonaram a via que por 20 anos tinham marcado. Hoje ele é "chefe fabricante "da Tupac de Mendonça.

Como essa, são as histórias de muitos. Por isso ele dizem que "quando existe a vontade, existem muitas soluções. Quando nao existe vontade, existem muitas desculpas". Dizem também que "Deus está em todos os lugares mas recebe em Buenos Aires. Quando em dois mil e três Kirchner estabeleceu trinta e cinco mil pesos para a formação das primeiras cooperativas de habitações na Argentina, toda essa gente à margem da sociedade, a maioria descendentes das populações de originárias e renegados na própria terra, levantaram finalmente a cabeça depois de quinhentos anos de perseguição e opressão física e mental. Neste terreno inclinado que agora chama-se "Alto

Comedero", os *tupaqueros* construíram com as próprias mãos as primeiras 200 habitações com a metade do dinheiro e do tempo previsto pelas empresas de construções.

Assim receberam a aprovação para outras 400 casas. Com o dinheiro economizado foram construídos fábricas de tecidos, centros de integração comunitária, escolas, fábricas de tijolos, luminárias e metalúrgica, um centro para reabilitação de pessoas com deficiências (um dos mais bem equipado do país), piscinas, parques de diversão e espaços comunitários para cozinhar, que são utilizados nos finais de semana por famílias que vêm de toda a província.

As casas são todas iguais, 54 m2, dois quartos, banheiro e cozinha. No teto, uma caixa d'agua com os lados do Che (que representa a disciplina e a transformaçao social), de Evita (protetora das crianças e idosos) e de Tupac Amaru.

IDENTIDADE - Não existe nenhum tipo de discriminação racial ou sexual, trabalha-se junto; as mulheres com capacetes na fábrica de tijolos e os homens costurando na de tecidos. Nas escolas os alunos são "companheiros" e além das matérias clássicas estudam Auto-estima, História do Movimento Operário e História dos Povos Indígenas. Afinal, como uma árvore sem as próprias raízes seca e morre, também é certo saber que a civilização não começou com a chegada de Colombo, como foi ensinado até agora em todas as escolas argentinas.

O que distingue um *tupaquero* é o orgulho, o amor indiscutível por quem os resgatou da estrada, da droga e da miséria, a disciplina e a fraternidade. As mulheres que entraram para morar nas casas, a cada mês juntam um ornamento, uma recordação, uma flor para embelezar as próprias casas, que de humildes habitações são agora tudo que os faz orgulhosos de serem quem são, felizmente combatentes e diferentes de tantos que na felicidade incontram um desvio. Quando, por exemplo, em Maipu uma casa acabou em chamas, os vizinhos chegaram antes dos bombeiros trazendo colchões, móveis e um dia depois do incêndio a nova casa era decorada e habitável.

PACHAMAMA - A cada início de agosto se comemora a "Pachamama" ou "Mãe Terra". Em 2010, a Tupac Amaru organizou a "Marcha dos povos originários" a maior na história da Argentina com mais de 30 mil pessoas que chegaram em Buenos Aires vindas do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste.

Pela primeira vez se reuniram todos, os Toba, os Guarani, os Wichi, os Mapuche, os Huarpes, os Diaguitas, os Aymara, os Quichua, os Kolla...Vestindo roupas tradicionais e cantando as músicas dos antepassados se encontraram com a presidente Cristina Kirchner.

"É mais fácil cobrir o sol com um dedo que descobrir toda a sombra deste país", disse o compositor argentino Leon Gieco. Assim entendo que na Argentina existe um leque de realidade em transformação tão grande como inclassificável. Existe uma parte da população originária que, mesmo contaminadas pelos meios de comunicação, vive a vida da Terra.

São como os Diaguita Calchaquies que em janeiro de 2011 se manifestaram pela primeira vez, na localidade de Cachi, depois de terem tido seus terrenos expropriados pela enésima vez. Da mesma forma que poucos meses antes havia acontecido aos Toba, da região de Formosa, onde vários manifestantes perderam, além da própria casa, também a vida pelas mãos da Justiça e do dinheiro.

Os representantes das comunidades manifestam agora uma mudança de cosciência e a vontade de muitos jovens é aquela de estudar, de serem professores, advogados, médicos, nao por interesses pessoais mas para servir o próprio povo.

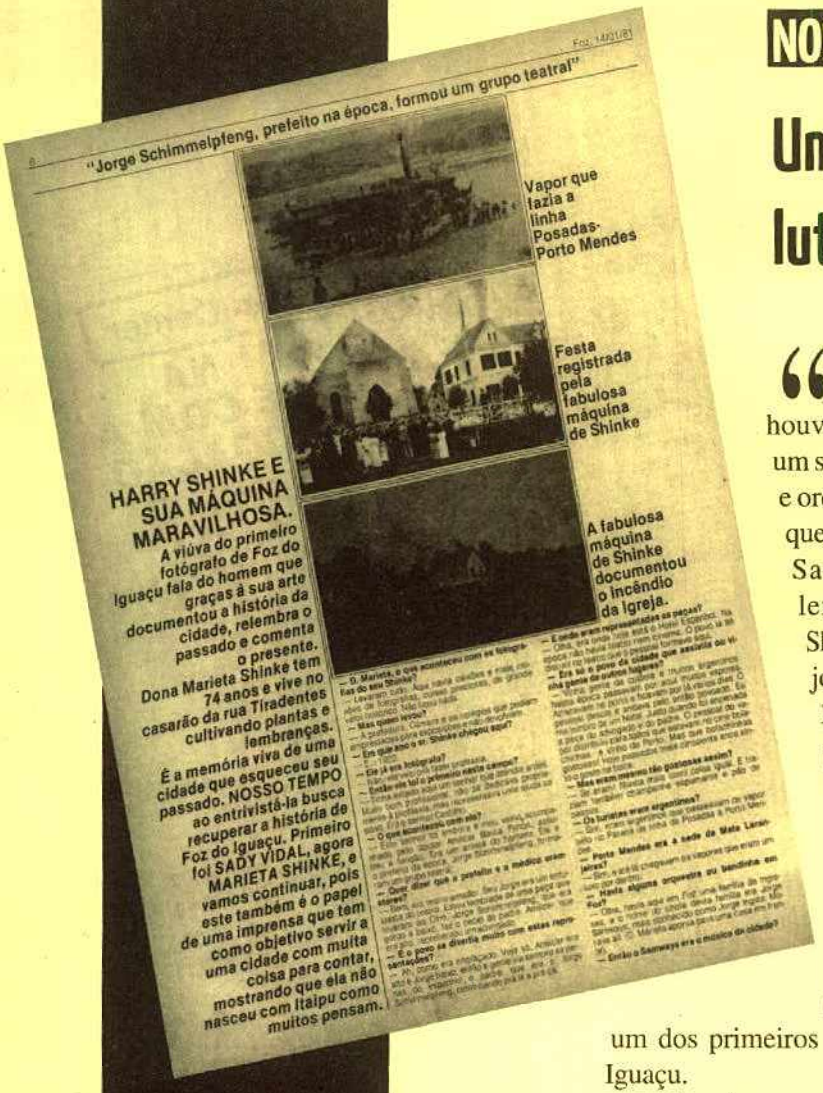
Existe também uma realidade criada com a marginalização urbanizada, como a dos Toba de Rosário, que ficaram sem memória, estáticos, passivos, sem saúde e educação, na espera. Explica-me a diretora do Centro de Saúde Toba de Rosario, Olga Lifschitz, que de uma certa maneira a aceitação das desgraças faz parte da mentalidade deles sobre a vida. "O mesmo acontece com a saúde", acrescenta. "A semana passada tivemos um caso de uma menina Toba em coma cuidada em casa. Vivia em um labirinto de casinhas e eu tive que passar muitas vezes, as crianças jogavam futebol lá no meio e os adultos não diziam nada. Enquanto ela estava quase morrendo, a mãe penteava os seus cabelos. Esta é uma situaçao de aceitação das coisas".

Falando sobre isso com Raoul Noro, companheiro de vida de Milagros, ele enfatiza: "É este o tema. Estar é uma coisa, ser é outra. Estar é esperar que alguma coisa aconteça. Ser é a grande manifestação do espírito humano em ação". Há uma quebra de voz e então ele conta que quando chegaram em Rosario com a "Marcha dos Povos", aproximou-se de Milagros um Toba da vila miséria daquela cidade, a abraçou e chorou. Chorava como se dissesse: "Finalmente!! Alguma coisa aconteceu!!".

Texto e fotos de Yuma Martellanz

movimento

Fotografia de **Yuma Martellanz**, italiana,
cozinheira, embarcada em veleiro singrando oceanos.


"Jorge Schimmelpfeng, prefeito na época, formou um grupo teatral"

Vapor que fazia a linha Posadas-Porto Mendes

Festa registrada pela fabulosa máquina de Shinke

A fabulosa máquina de Shinke documentou o incêndio da Igreja.

HARRY SHINKE E SUA MÁQUINA MARAVILHOSA.

A viúva do primeiro fotógrafo de Foz do Iguaçu fala do homem que graças à sua arte documentou a história da cidade, relembra o passado e comenta o presente.

Dona Marieta Shinke tem 74 anos e vive no casarão da rua Tiradentes cultivando plantas e lembranças.

É a memória viva de uma cidade que esqueceu seu passado. NOSSO TEMPO ao entrevistá-la busca recuperar a história de Foz do Iguaçu. Primeiro foi SADY VIDAL, agora MARIETA SHINKE, e vamos continuar, pois este também é o papel de uma imprensa que tem como objetivo servir a uma cidade com muita coisa para contar, mostrando que ela não nasceu com Itaipu como muitos pensam.

uma opinião de alexandre palmar

NOSSO TEMPO

Uma história de resistência e luta por liberdades e democracia

"Quando ele chegou houve uma festa enorme, um salão grande com piano e orquestra. Eu me lembro que dancei uma valsa com Santos Dumont". A lembrança de Marieta Shinke foi registrada pelo jornal Nosso Tempo, em 1981, quando a ilustre pioneira tinha 74 anos. Na entrevista ela narra fatos do começo do século XX, como a passagem da Coluna Prestes pela região e os flagrantes do marido, Harry Shinke, um dos primeiros fotógrafos de Foz do Iguaçu.

Essa importante memória da história das três fronteiras é apenas uma entre tantas retratas pelo extinto semanário. De 1980 a 1994, o periódico registrou os abusos dos governos, os personagens, as lutas e manifestações populares, as transformações da sociedade, o dia a dia da região... Sua linha editorial ousada acabou tornando-o numa referência como veículo de enfrentamento denúncia e combate da ditadura militar.

Agora esse conteúdo está na internet e pode ser consultado no site Nosso Tempo Digital, que reúne mais de sete mil páginas digitalizadas do nanico. A digitalização do acervo supre uma antiga limitação. Durante anos, as páginas do jornal só podiam ser pesquisadas na Biblioteca Pública e em duas coleções particulares de seus editores. O acesso ao material era restrito, correndo inclusive o risco de desaparecer pelo uso manuseio.

Mais do que isso. O projeto contribuiu para a preservação da memória e democratiza a consulta ao acervo midiático por meio da web —sobretudo por parte dos mais jovens, hoje tão dependentes das facilidades da internet. Hoje o site é uma fonte de pesquisa quando o assunto é as três fronteiras de algumas décadas atrás. Na falta de um arquivo público, a idéia de um museu digital da imprensa parece palpável.

A página eletrônica reúne o trabalho dos editores fundadores do Nosso Tempo (os jornalistas Juvêncio Mazzarollo, Aluízio Palmar e Adelino de Souza) e do último proprietário do jornal, Adão de Almeida. Está tudo lá, organizado por edições e seções (entrevistas, reportagens, fotos, humor e propaganda), e com ferramentas modernas de pesquisa.

A história do "Nosso Tempo" em versão digital

O projeto busca facilitar o acesso aos fatos e permitir, a partir de uns cliques, uma viagem pelo passado. Estabelecer o paralelo com o presente, identificar contradições no discurso de agentes públicos, valorizar os pioneiros e anônimos. Tudo isso colabora para a formação de identidade de um povo, de um lugar. A sua leitura, portanto, é essencial para quem busca driblar o esquecimento seletivo típico inerente a quem interessa apagar o passado.

EXPOSIÇÃO - Nosso Tempo Digital contempla uma exposição com capas e páginas históricas do jornal que está percorrendo escolas e universidades. O trabalho é uma amostra do que os leitores encontram na versão online. Na montagem estão bandeiras como reforma agrária, liberdade de expressão, ditadura, desabrigados, resistência, democracia, greves, além de lutas internacionalistas envolvendo países como Paraguai e Argentina.

O projeto é uma realização de Megafone – Rede Cidadania na Comunicação, com patrocínio da Itaipu Binacional e Uniamérica. Apoiam a iniciativa o Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Subseção de Foz do Iguaçu), Casa da América Latina, Guatá - Cultura em Movimento, e Centro de Direitos Humanos e Memória Popular.

Alexandre Palmar é jornalista em Foz do Iguaçu
e um dos organizadores do projeto Nosso Tempo Digital

acesse www.nossotempodigital.com.br

Impressão colorida laser
Encadernação
Plastificação
Laminação
Crachá
Cópia

Til Reprografia

til@tilreprografia.com.br
3572 8703 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br

SuQtel

FOZ DO IGUAÇU
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

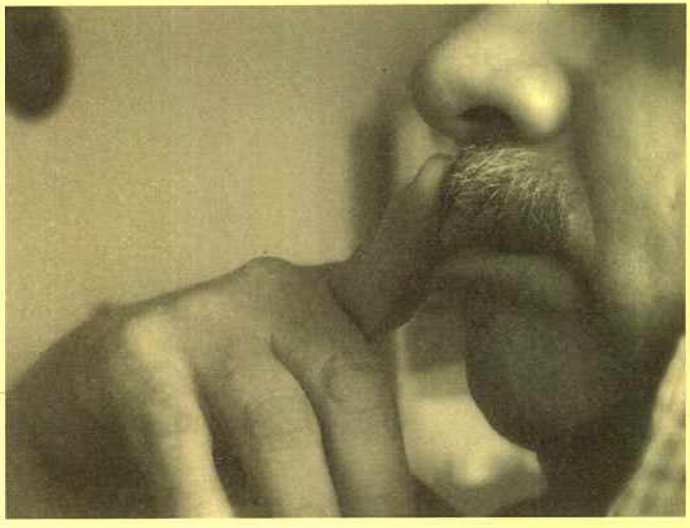
Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

olhos

analia gamez



"Noche", "Mujer real" e "Autoridad".
Fotografias de **Analia Gamez**,
advogada e atriz em Ciudad Del Este, PY.

Ontem estava a um passo da fronteira,
de fronte para o horizonte onde ele se encontrava...
forte foi meu impulso de atravessá-la,
firme foi a sensatez da razão em não deixá-lo

O limite é bárbaro,
a travessia um desafio,
o êxtase enfim aparece,
ao romper a linha do destino

A liberdade aparece,
as pegadas se encontram,
a vida segue
na fronteira dos desencontros...

Angela Tischner

Meu tempo livre, amor
Não pode ser o que lhe sobra
Nem meu cansaço, meus cacos.
Meu tempo livre, amor
Não pode ter pressa
Nem regras ou tarefas
O nosso tempo livre, amor
Será nosso quando for de todos
Quando a rubra-utopia vencer
Quando o rubro-canto entoar
Quando o mundo entender
Que é possível ler, colher e assoviar.

Mayumi Takahashi

Fotografia de Rita Dorta

palavrasolhos&palavrasolhos&palavrasolhos&palavrasolhos&palavrasol

curupira

Noite comprida, vô...
Quem prega o olho?
Lá longe o que se vê?
O que há de ser?
Luz de vagalume?
Asas de besouro?
Passeio de m'boy tatá?
Cobra de fogo? Vô
Vem cá me pegar?

Arre, sossega, piá
É Curupira a vagar, solitário
Na noite de breu
A cabeleira hirta, vermelha,
É a luz que lhe alumeia
Pra que o caminho não erre
Que por susto não se avexe,
Por lá cá não escorregue

Ou ainda, meu netim, a luz é pra evitar
Que o diabim nos pés tortins
não tropece, enfim

É hora ingrata, culumim
Pra quem faz assim
Mata a mata à toa, a contar loa
Ai de quem movido a desejo insano
A mata causa grande dano

Uo, uo, uo...
Cuidado caçador
Com o duende vingador
Que não tolera desfaçatez de bicho-gente

Virgínia Allan

plantação

É de manhã,
Parabólica, trabalho,
Cuia de esmolas,
Onde estão os livros,
O outono não veio,
Ah! Como tenho sede,
Pois, quero conversar,
Tentar te convencer,
Que o tempo passou,
Muito depressa, e o que resta?
Teu sorriso cadê?
De que valeu o suor
Que molhou a terra?

Emilson Ferreira

agora que estou tão bem, tudo é tão pouco para me preocupar

Sol Kommers

Isis Araújo

Angela Tischner é bióloga em Foz do Iguaçu, Pr
Emilson Ferreira é professor universitário em Rio Branco, AC
Isis Araujo é estudante de Medicina em Pelotas, RS
Mayumi Takahashi é professora em Foz do Iguaçu
Rita Dorta é costureira em Foz do Iguaçu, Pr
Sol Kommers é garçonete em Foz do Iguaçu, Pr
Virgínia Allan é escritora em Manaus, AM

Silvio Borges da Silva Junior

Variação linguística na escola: erro de Português ou estudo crítico da língua?

Há alguns dias acompanhamos pelos noticiários uma polêmica em relação ao ensino da língua portuguesa no Brasil: a distribuição por parte do MEC do livro "Por uma vida melhor" destinado à educação de jovens e adultos. Mais uma polêmica que envolve a educação e que é discutida na grande mídia por quem não entende de educação, muito menos do ensino de língua portuguesa. Essa polêmica, além de trazer à tona o caráter conservador da elite brasileira que necessita manter a dominação sobre a classe trabalhadora utilizando de todos os métodos, inclusive da língua, a exemplo do que fizeram portugueses e espanhóis ao pisarem em nosso continente, demonstrou ainda o desconhecimento de jornalistas e supostos "intelectuais" da língua portuguesa, que assim se apresentam na mídia, sobre os estudos científicos das variedades linguísticas. Essa ignorância em relação à linguística faz com que dezenas de informações distorcidas e preconceituosas contaminem a opinião, inclusive daqueles que usam as variedades populares e sofrem no dia-a-dia o preconceito linguístico.

Para entendermos melhor a proposta do livro que traz um capítulo sobre variação linguística faz-se necessário uma análise histórica da língua portuguesa. Nosso idioma, como sabemos, tem sua origem no latim falado durante o Império Romano. A língua historicamente tem servido de instrumento de dominação entre os povos, seja dominação cultural ou econômica, em que uma classe domina a outra. Exemplo disso foi quando da expansão do domínio dos Romanos, uma das primeiras ações implantadas foi a criação de escolas para ensinar o latim ao povo dominado e a instituição dessa língua como língua oficial do Império. O que os romanos não esperavam era que o latim disseminado por todo o Império pelos soldados e comerciantes, não foi o Latim Clássico, cristalizado nas obras primas da literatura romana, mas sim o Latim Vulgar, falado pela grande maioria dos romanos e que pouco tinha a ver com o Latim Clássico, culto. E foi esse Latim Vulgar, falado pela maioria dos romanos, que ao entrar em contato com as diversas línguas faladas pelos povos dominados, deu origem ao português, espanhol, italiano, francês, entre outros.

Discutindo historicamente percebemos que a proposta de estudar a variação linguística nas escolas, além de valorizar e não discriminar os conhecimentos prévios dos alunos, é uma forma de desvendar o caráter dominador da língua. Qual é a língua mais usada no capitalismo nas suas transações comerciais? O inglês. Qual a potência econômica atual? Os Estados Unidos (embora decadente). Uma das línguas mais procuradas hoje é o Mandarim, pelo fato de a China estar se tornando uma das economias mais fortes do mundo. O ensino de línguas nessa perspectiva é um ensino crítico, que leva o aluno à reflexão. E é exatamente isso que as elites conservadoras temem aconteça.

Muito se tem falado em universalização da escola e democratização da educação, mas como fazer isso se a escola não leva em conta os conhecimentos e o contexto sócio-cultural do aluno? Trabalhar com a variação lingüística é mostrar para os alunos que existem diversas formas de falar uma mesma língua, que são adequadas a determinados contextos comunicativos. Ninguém afirmou aqui que o papel da escola não é ensinar a língua padrão. O problema é que da forma como se tem feito até hoje, a língua continua servindo como instrumento de dominação, pois vão bem nas aulas de língua portuguesa aqueles que em casa já são familiarizados com a norma culta, enquanto milhares de jovens desistem ou saem da escola odiando e sem saber utilizar a língua padrão.

Silvio Borges da Silva Jr. é professor de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Almiro Sartori, em Foz do Iguaçu, Pr.

ideal
IND. GRÁFICA

Av. dos Imigrantes, 81 / Vila Yolanda
45 3523 7176 / Foz do Iguaçu - PR
graficaideal@compubras.com.br

RESTAURANTE
Sabor Mais
NATURAL

Uma opção saudável, pertinho de você!
Venha provar e se deliciar!

Cardápios elaborados e supervisionados por nutricionista.

Tel. (45) 3025-5700
Segunda à sábado:
das 11h as 14h30m
Rua Almirante Barroso, 1466 - Sala 4 - Galeria Viela - Foz - PR
www.sabormaisnatural.com.br

www.revistaideias.com.br

IDEIAS

VALE A PENA VOCÊ PÔR NA SUA CABEÇA

A CASA DA BOA MÚSICA

Zeppelin Old Bar

WWW.ZEPPELINOLDBAR.COM

Vote
CATARATAS
DO IGUAÇU

Para uma das novas 7 maravilhas da natureza

Com seu voto, as Cataratas do Iguaçu podem ser uma das 7 vencedoras. Já pensou que maravilha?

As Cataratas do Iguaçu passaram para a fase final do concurso que vai escolher as 7 Maravilhas da Natureza. Agora, são 28 finalistas do mundo inteiro disputando o título máximo. Entre no site e vote. Essa vitória vai ser de todos nós.

www.votecataratas.com